

PERFIL DOS GRADUANDOS DE ENFERMAGEM E MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE QUANTO AO TRANSTORNO DEPRESSIVO

Profile of Nursing and Medicine Students of a University Regarding Depressive Disorder

Laura Telles GOMES¹; Letícia dos Santos RODRIGUES¹; Julia Severo dos SANTOS¹; Larissa Merino de MATTOS¹; Edison Luiz Devos BARLEM¹; Aline Neutzling BRUM^{1*}

¹Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, 96200-400, Rio Grande-RS, Brasil

*neutzling@live.de

Resumo: Identificar e pontuar a prevalência de depressão entre graduandos de Enfermagem e Medicina de uma Universidade Federal do Sul do Brasil e caracterizar o perfil dos mesmos. Estudo descritivo, quantitativo e transversal. Foram aplicados questionários eletrônicos, de junho a agosto de 2019, para 223 alunos entre Enfermagem e Medicina. Grupo majoritariamente feminino, solteiros e idade média de 24,1 ($\pm 6,34$) anos. O *score* médio do Inventário de Depressão de Beck foi de 14,9 ($\pm 10,56$) pontos. A depressão, em níveis mais graves, predomina no 2º semestre, em Enfermagem, e no 5º ano, em Medicina. Houveram diferenças quando as médias do inventário entre os cursos foram comparadas ($p < 0,05$), mas não quando comparadas entre homens e mulheres ($p > 0,05$). A existência de depressão em graduandos da área da saúde é alarmante, pois esses que atenderão a população. Portanto, faz-se necessário um olhar mais atento por parte das instituições de ensino.

Palavras-chave: Depressão, Saúde mental, Estudantes de enfermagem, Estudantes de medicina, Universidades

Abstract: Identify and punctuate the prevalence of depression among Nursing and Medicine students at a Federal University in Southern Brazil and characterize their profile. Descriptive, quantitative, and cross-sectional study. Electronic questionnaires were applied, from June to August 2019, to 223 students between Nursing and Medicine. Predominantly female and single group and mean age of 24.1 (± 6.34) years. The average score of the Beck Depression Inventory was 14.9 (± 10.56) points. The depression, at more severe levels, predominates in the 2nd semester, in Nursing, and in the 5th year, in Medicine. There were differences in the comparison of the Inventory averages between the courses ($p < 0.05$), but not when compared between men and women ($p > 0.05$). The existence of depression among health students is alarming as they are the ones who will attend the population. Therefore, a closer look is needed on the part of educational institutions.

Keywords: Depression, Mental health, Students nursing, Students medicine, Universities

1. INTRODUÇÃO

A depressão é considerada um transtorno mental resultante da complexa interação de fatores sociais, psicológicos e biológicos (OPAS/OMS, 2018). Sendo muitas vezes, caracterizada por tristeza, perda de interesse, distúrbios do sono ou de apetite, baixa autoestima, apatia, fadiga, além de sofrimento e disfunção no trabalho, na escola e no meio familiar (OPAS/OMS, 2017; OPAS/OMS, 2018).

Conforme a Organização Mundial da Saúde (2017), a patologia já é considerada como uma das principais causas de problemas de saúde e incapacidade em todo o mundo e, estima-se que mais de 300 milhões de pessoas sofram com esse transtorno. Um total de 5,8% representa a prevalência de depressão na população brasileira.

De acordo com a *American Psychiatric Association* (2014) é durante a adolescência e, principalmente, no início da fase adulta, que a maioria dos transtornos depressivos tende a se manifestar. Por isso, segundo o *Center for Collegiate Mental Health* (2019), estima-se uma prevalência de 20 a 35% de estudantes universitários com algum nível de necessidade de saúde mental, motivada não só pela pressão da faculdade, mas também, pelos relacionamentos, insatisfação com o curso, diminuição da qualidade do sono, falta de atividade física (Leão, Gomes, Ferreira & Cavalcanti, 2018) e de lazer.

Frente à problemática descrita, os estudantes da área da saúde merecem um olhar minucioso sobre as questões de transtornos depressivos, pois, segundo Victoria et al. (2013), longas jornadas de trabalho somadas a ambientes de tensões emocionais, e a saída dos campos de estudos para o de trabalho, são fatores determinantes para o estresse desses estudantes. Além disso, o desgaste físico e psicológico entre aulas teóricas e práticas com alta carga horária e sobrecarga de atividades referentes ao curso, também são fatores que levam os estudantes a tensões, estresse e depressão.

Tendo em vista, que estes alunos serão os futuros profissionais a atender a população é preciso além de identificar a presença desse transtorno, buscar estratégias direcionadas ao acolhimento dos alunos nas universidades, priorizando também suas necessidades e demandas psicológicas.

Objetivou-se identificar e pontuar a prevalência de depressão entre graduandos de Enfermagem e Medicina de uma Universidade Federal do Sul do Brasil e caracterizar o perfil dos mesmos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde de acordo com os preceitos éticos referentes a Resolução nº 510/2016. Aos participantes foram assegurados o conhecimento dos objetivos do estudo, o anonimato, o direito à desistência durante o processo de investigação e o acesso aos resultados da pesquisa. Dados descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aceito por todos os participantes da pesquisa antes de responderem ao questionário eletrônico.

Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo de delineamento transversal, pois possui como princípio, identificar características no grupo estudado e descrever seu perfil.

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes dos cursos de graduação em Enfermagem e Medicina de uma Universidade Federal do Sul do Brasil, que estivessem devidamente matriculados no período de coleta dos dados, entre os meses de junho e agosto de 2019.

Participaram da pesquisa um total de 223 estudantes, sendo 136 estudantes do curso de graduação em Enfermagem e 87 estudantes do curso de graduação em Medicina. O total de participantes respeita o cálculo amostral previsto para população finita estimado um erro amostral de 5% e um nível de confiabilidade de 95%.

Como critérios de inclusão obteve-se: ser estudante dos cursos de graduação de Enfermagem ou Medicina, estar devidamente matriculado e aceitar participar da pesquisa. Como critérios de exclusão, obteve-se: estudantes que não aceitaram participar da pesquisa, que não estavam devidamente matriculados no momento da realização da coleta de dados, e alunos de mestrado ou doutorado na área da saúde.

Os dados foram coletados entre os meses de junho e agosto de 2019 através de um questionário autoaplicável eletrônico, elaborado na plataforma Google, amplamente divulgado aos acadêmicos do Hospital Universitário através de cartazes e visitas em sala de aula, bem como, pelos *e-mails* de turma.

O questionário foi composto por 49 questões, divididas em duas seções: I - Dados Sociodemográficos, composto por 6 perguntas; II - Dados sobre Depressão, subdividida em, 21 perguntas, usando como instrumento o Inventário de Depressão de Beck (BDI); Características de Atitude em Relação a Viver/Morrer, composto por 6 perguntas; Características de Ideação/Desejo suicida, 6 perguntas; Características da tentativa ponderada, 4 perguntas; Atualização da tentativa ponderada, 4 perguntas e Fatores históricos, 2 perguntas. Sendo que três das subseções (Características de Ideação/Desejo suicida, Características da tentativa ponderada e Atualização da tentativa ponderada) somente seriam respondidas por aqueles que tiveram desejo ou tentativa de suicídio ativo ou passivo, expresso através das respostas de Características de Atitude em Relação a Viver/Morrer.

O Inventário de Depressão de Beck (BDI) trata-se de um instrumento de 21 itens, relacionados a sintomas e atitudes, frequentes em pacientes psiquiátricos depressivos, obtidos através de observações clínicas sobre esses pacientes. Cada item é avaliado com escala tipo Likert (0 a 3 pontos), e como resultado, o somatório desses itens. Portanto, as pontuações variam de 0 a 63 pontos, sendo considerada a pontuação de 0-9, sem depressão; 10-18, depressão leve; 19-29, depressão moderada, e de 30-63, depressão grave. Objetiva-se avaliar a intensidade da depressão no respondente e não refletir uma teoria particular da depressão (Beck, Steer & Carbin, 1988).

Se porventura algum questionário não tenha sido respondido completamente, os autores, por meio de reunião, decidiram pela exclusão ou não do indivíduo da pesquisa, da forma que se achar pertinente aos objetivos do estudo.

Após a coleta, os dados gerados em planilhas eletrônicas do Excel (Microsoft Office) foram importados para o *software* SPSS 22.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*) para serem analisados. Os mesmos serão armazenados por cinco anos pela pesquisadora responsável.

As análises realizadas correspondem a estatística descritiva em variáveis independentes por meio de frequências simples e relativas. Após, foi realizado cálculo de prevalência de depressão na população, com base no resultado obtido no BDI, para tanto, considerou-se *sem depressão* nos respondentes que obtiveram 0-9 pontos, *depressão leve* entre 10-18 pontos, *depressão moderada* em 19-29 pontos e *depressão grave* em 30-63 pontos (Beck, Steer & Carbin, 1988). Para comparação das médias das variáveis numéricas foi realizado o Test -T Student e o teste ANOVA.

3. RESULTADOS

Considerando os critérios de inclusão, foram respondidos 223 questionários. Sendo 136 (61%) respondentes do curso de enfermagem e 87 (39%) do curso de medicina.

No curso de enfermagem, o 1º semestre apresentou o maior número de respostas, 22 (16,4%), seguido do 2º e 4º semestres, com 21 (15,7%) cada. Com relação ao curso de medicina, o 1º ano obteve maior número de resultados, 27 (31%), seguido do 3º ano com 20 (23%) respostas.

Referente ao grupo estudado houve predominância do sexo feminino entre os respondentes, 85,2% (190); quanto ao estado civil, 43% (96) eram solteiros; e apresentaram idade média de 24,1 ($\pm 6,34$) anos, sendo a mínima de 17 e a máxima de 48 anos.

O *score* do Inventário de Depressão de Beck obteve média de 14,9 ($\pm 10,56$) pontos. Quanto aos níveis de depressão na população, observou-se que 81 (36,3%) não tinham características depressivas; 76 (34,1%) apresentavam depressão leve; 35 (15,7%) depressão moderada, e 31 (13,9%) depressão grave (Tabela 1). Desta forma a prevalência de depressão na população estudada foi de 63,7% (142).

Tabela 1 - Prevalência de depressão na população estudada de acordo com nível de intensidade.

Nível de depressão	Sem depressão	Depressão leve	Depressão moderada	Depressão grave	Total
	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)	% (n)
Total	36,3 (81)	34,1 (76)	15,7 (35)	13,9 (31)	100 (223)

De forma mais minuciosa, os índices de prevalência de depressão observados por nível de intensidade correspondem aos valores explicitados na Tabela 1. Dentre os respondentes sem depressão, 42 (51,8%) são estudantes do curso de enfermagem e 39 (48,15%) estudantes do curso de medicina; a prevalência de depressão leve corresponde a 48 (63,16%) em estudantes de enfermagem e 28 (36,8%) nos estudantes de medicina; em relação à prevalência de depressão moderada, 23 (65,7%) dos estudantes eram do curso de enfermagem e 12 (34,2%) do curso de medicina; com níveis de depressão grave, observaram-se os índices de 23 (74,1%) e 8 (25,8%) para os estudantes dos cursos de enfermagem e medicina, respectivamente.

Em se tratando do curso de enfermagem, houve uma perda de dois estudantes, que não informaram o período frequentado. No entanto, os semestres que apresentaram maiores níveis de alunos sem quadro depressivo foram o 4º e 8º semestres, com 23,8% e 21,4%, respectivamente. Com quadro depressivo leve, o 1º e 4º semestres com 18,8% cada. Dos que apresentaram quadro depressivo moderado, sobressai o 1º semestre com 26,1% seguido do 3º semestre, com 21,7%. Já nos níveis mais graves, o 2º semestre possui maior porcentagem, 26,1%.

Quanto ao curso de medicina, o 1º ano apresentou maior número de estudantes sem quadro depressivo, 16 (41%), seguido do 2º e 3º anos, 6 (15,4%). Os que possuíam quadro depressivo leve, o 1º ano se manteve na dianteira com 9 alunos (32,1%), seguido do 2º e 3º anos, com 28,6% e 25%, respectivamente. Quanto ao quadro depressivo moderado, o 3º ano apresenta 41,6% (5) desses alunos. Aqueles com quadro depressivo grave, o 5º ano possui 37,5% (3).

Em todos os níveis (sem quadro depressivo, quadro depressivo leve/moderado/grave), as mulheres apresentaram maior prevalência, com 81,5% (66), 84,2% (64), 88,6% (31), 93, 55% (29), respectivamente.

Quando realizada a comparação entre as médias obtidas no BDI entre homens e mulheres, observa-se que as mulheres obtiveram média igual a 15,4 e homens igual a 12,7, estes valores não apresentaram diferenças estatísticas ($p > 0,05$) quando devidamente testados.

As médias obtidas no BDI para estudantes dos cursos de graduação em enfermagem (16,2) e medicina (13,2) mediante comparação estatística demonstram maiores valores ($p < 0,05$) aqueles descritos pelos estudantes de enfermagem.

As médias obtidas no BDI pelos estudantes de enfermagem não mostraram diferença quando realizada comparação entre os semestres frequentados (Tabela 2, Gráfico 1), porém quando comparados os anos frequentados, os estudantes de medicina demonstram maior média na escala quando referem cursar o 5º ano do curso (Tabela 3, Gráfico 2).

Tabela 2 - Média obtida no Inventário de Depressão de Beck pelos estudantes do curso de enfermagem de acordo com semestre frequentado.

	N	Média	Desvio Padrão
1º Semestre	22	19,3	11,79
2º Semestre	21	19,1	11,56
3º Semestre	13	19,0	9,57
4º Semestre	21	11,1	8,08
5º Semestre	8	16,3	8,66
6º Semestre	9	18,0	14,47
7º Semestre	6	18,2	14,65
8º Semestre	16	10,0	6,98
9º Semestre	13	16,6	9,80
10º Semestre	5	14,8	8,41
Total	134	16,1	10,67

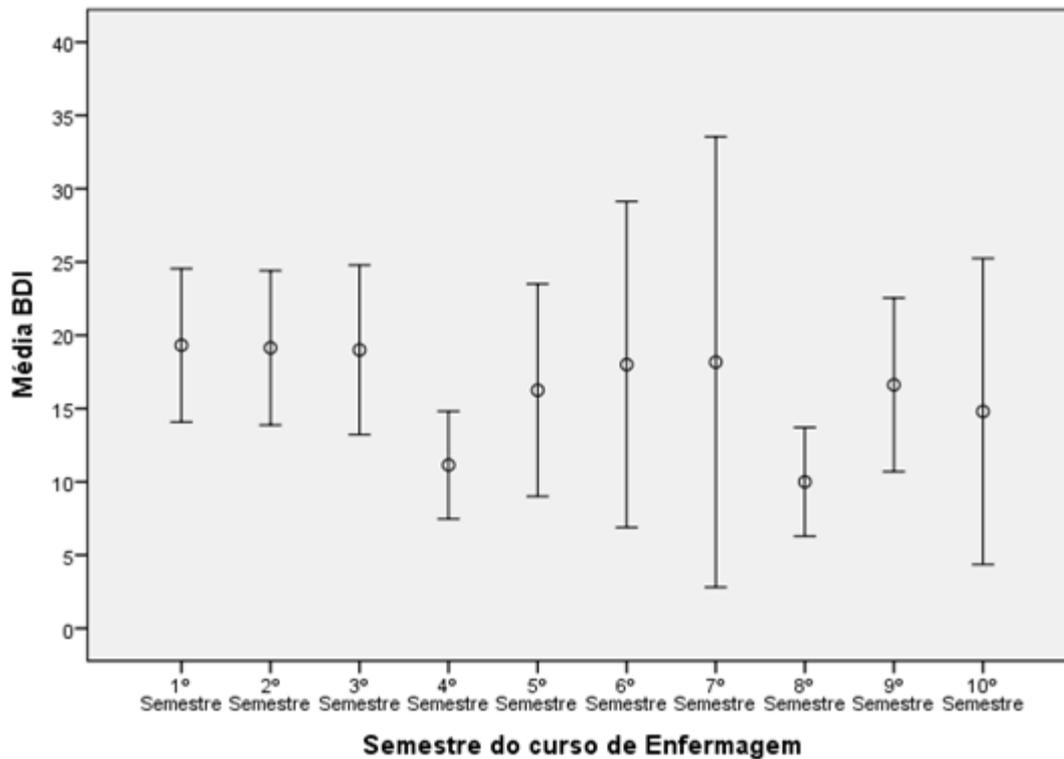


Figura 1 - Médias no Inventário de Depressão de Beck (BDI) por semestre no curso de enfermagem.

Tabela 3 - Média obtida no Inventário de Depressão de Beck pelos estudantes do curso de medicina de acordo com ano frequentado.

	N	Média	Desvio Padrão
1º Ano	27	9,4	7,13
2º Ano	18	13,2	10,68
3º Ano	20	15,2	8,27
4º Ano	11	13,4	9,86
5º Ano	5	28,2*	18,42
6º Ano	6	10,5	8,38
Total	87	13,2	10,16

*Teste ANOVA ($p < 0,05$)

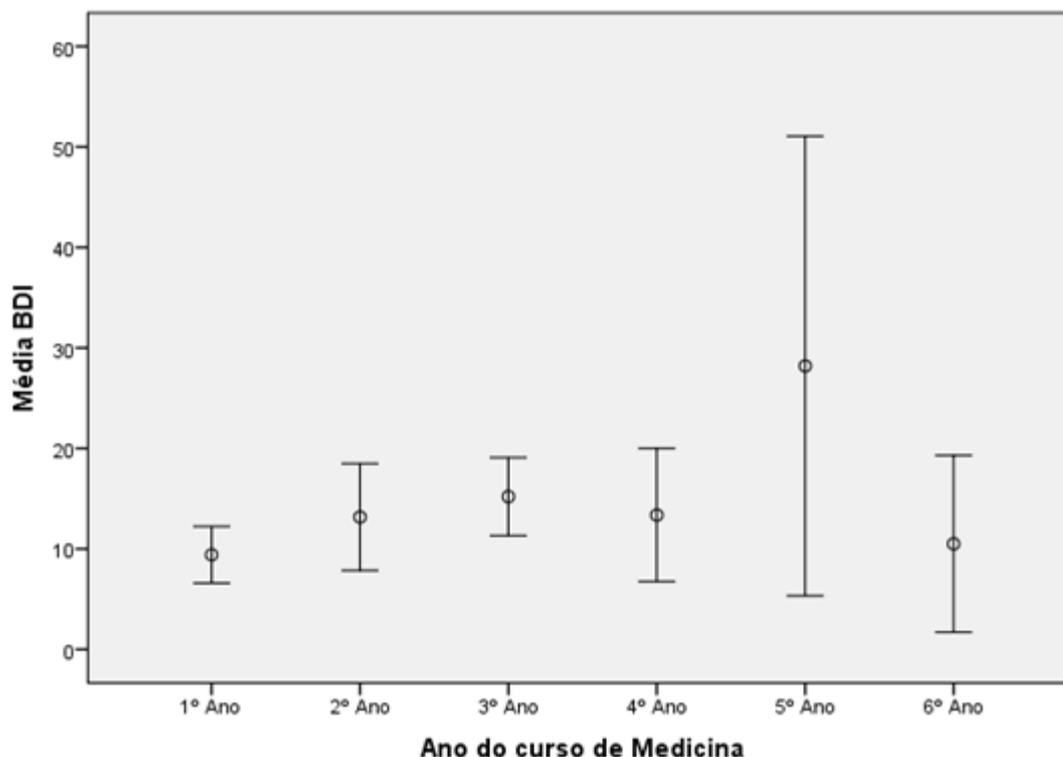


Figura 2 - Médias no Inventário de Depressão de Beck (BDI) por ano no curso de medicina.

4. DISCUSSÃO

Este trabalho teve como objetivo identificar e pontuar a prevalência de depressão entre graduandos de Enfermagem e Medicina de uma Universidade Federal do Sul do Brasil e caracterizar o perfil dos mesmos. Observou-se uma pontuação média para o BDI de 14,9 ($\pm 10,56$), o que indica quadro depressivo leve entre o grupo analisado. Em um estudo realizado com 60 estudantes do curso de enfermagem de uma universidade pública de Mato Grosso, pode-se observar, também através do uso do Inventário de Depressão de Beck, que a tendência do quadro depressivo esteve presente em 46,6% dos estudantes, em diferentes intensidades. Concluiu-se que a idade dos estudantes (22 anos) e os sintomas tinham uma grande associação de quadros depressivos e média associação quanto à família e estado civil (Silva et al., 2019).

Em contrapartida, em um estudo realizado com estudantes de enfermagem em uma instituição pública em Brasília, Facioli, Barros, Melo, Ogliari & Custódio (2020) verificaram, por meio do BDI, que mais da metade desses estudantes não apresentavam níveis de depressão (57,2%). Dos alunos de enfermagem pesquisados por eles, 19,2% apresentavam sinais de depressão moderada e grave. No entanto, os níveis de depressão apresentados pelos estudantes pesquisados neste estudo, se mostram superiores à prevalência dos que apresentaram algum nível depressivo (63,7%), sendo 34,1% para sintomas leves e 29,6% para sintomas moderados e graves.

Em outro estudo, realizado com 138 estudantes de medicina das Faculdades Integradas de Patos, obteve-se a prevalência de 52,8% dos acadêmicos, divididos entre quadro depressivo leve, moderado e grave, onde o maior índice encontra-se em acadêmicos com depressão leve com 39,1% (Guedes, Rodrigues, Pereira & Sousa, 2019).

Corroborando com o estudo anterior, em relação à prevalência de distintos níveis de depressão, dentre os 287 estudantes, da Faculdade de Medicina de uma universidade pública em

Goiás, entrevistados com o uso de BDI e um questionário de identificação (nome, estado civil, idade, sexo, ocupação remunerada e ano do curso), 6,9% apresenta sintomas depressivos moderados e graves e 19,9% de sintomas leves (Amaral et al., 2008). Dessa forma, o presente resultado demonstra significativa diferença em relação à prevalência de quadros depressivos nos estudantes de enfermagem e medicina quando comparados a outros estudos. Também, a presença de depressão entre estudantes de instituições públicas ou privadas não demonstra relativa associação, uma vez que, em ambos os tipos de instituição é possível notar a presença de quadros depressivos em maior ou menor grau.

Concomitante, Alves (2014) apresenta que o período universitário, onde ocorrem intensas mudanças com novas experiências acadêmicas, o estudante assume uma diferente postura diante de suas responsabilidades, deixando de ser um espectador, para que consiga exercer de forma mais ativa seu futuro ofício, mesmo que sob orientação e tutoria de seus professores. Este fato corrobora com os achados encontrados neste estudo, pois sugere intensas mudanças que condizem, muitas vezes, com o desencadeamento de sintomas depressivos (Purim, Guimarães, Titski & Leite, 2016).

No entanto, diversos fatores estão associados à ausência de saúde mental e o desencadeamento de quadros depressivos dos estudantes, dentre eles pode-se citar a sobrecarga de atividades acadêmicas, a ausência de lazer, insegurança quanto ao curso e profissão escolhida, carga horária elevada, infraestrutura e o fator relacionamento aos professores também implica na vida pessoal e acadêmica (Querido, Naghettini, Orsini, Bartholomeu & Montiel, 2016).

Os estudantes são mais propensos a quadros depressivos devido às mudanças significativas em seu cotidiano. No campo acadêmico, o discente encontra certo nível de pressão entre trabalhos e provas, carga excessiva de estudos, morar com pessoas desconhecidas em casa de estudantes fornecidas, muitas vezes, pela universidade e longe do convívio familiar, além da preocupação em ter que se sustentar, acúmulo de disciplinas e insegurança quanto a futura vida profissional. Desse modo, 52,3% (153) de uma amostra de 292 estudantes apresentaram sintomas de depressão, corroborando com o supracitado (Lelis, Brito, Pinho & Pinho, 2020).

Em uma pesquisa realizada em uma instituição de ensino superior pública pode atentar-se aos sintomas depressivos em estudantes da área da saúde, observando maior prevalência de depressão no curso de fonoaudiologia (47,6%), no curso de enfermagem (34,2%) e no curso de medicina (20,9%) de um grupo amostral de 792 estudantes, associados com a elevada carga horária dos cursos. Com efeito, esses fatores manifestam uma visão negativa tanto do curso, como também da futura profissão (Bresolin et al., 2020).

Por fim, a prevalência de sintomas depressivos nas mulheres deve ser discutida. Em todos os níveis de depressão, elas foram predominantes, e coincide com algumas das literaturas atuais (Brandtner & Bardagi, 2009; Bassols et al., 2014). A OPAS/OMS (2018) afirma que mulheres têm mais chance de sofrerem com os sintomas depressivos. Ainda, pessoas do sexo feminino experimentam índices 1,5 a 3 vezes mais altos de sofrerem transtornos depressivos do que as do masculino, começando na adolescência (APA, 2014). A própria *American Psychiatric Association* (2014), garante que é durante a adolescência e, principalmente, no início da idade adulta que a maioria dos transtornos depressivos tendem a se manifestar.

Gonçalves et al. (2018) revelam que a predominância de depressão em mulheres está muitas vezes associada a fatores como baixo nível de escolaridade, baixa renda familiar, uso de medicamentos ansiolíticos, tabagismo, ter de trabalhar além de estudar, dessa forma, obtendo menor qualidade de vida, de sono, de lazer e ausência de tempo para família. Em contrapartida, possuir um companheiro, apoio social de familiares, praticar atividade física e de lazer, autoavaliação de saúde muito boa ou boa são ferramentas para proteção contra a depressão.

Em um estudo realizado com estudantes da área da saúde em uma instituição de ensino superior do Nordeste do Brasil, obteve-se como resultado que a prevalência de ansiedade e depressão esteve associada ao sexo feminino, devido a sua insatisfação acadêmica, insatisfação com as relações entre professores, colegas, familiares, insônia, ausência de tempo para realizar atividade física, enfatizando que relações não afetivas estão significativamente ligadas a depressão (Leão, Gomes, Ferreira & Cavalcanti, 2018).

Corroborando com outros estudos, uma pesquisa realizada com 238 estudantes universitários portugueses, revelou que os fatores que levam ao estresse, ansiedade e/ou depressão em mulheres apontam que ao sair de casa para estudar isso pode gerar conflitos interiores e essas situações levam os estudantes a quadros depressivos (Vizzotto, Jesus & Martins, 2017). Dessa maneira, cabe ressaltar que a qualidade de vida dos acadêmicos se modifica com a entrada na universidade, visto que, há dificuldades significativas ao ingressar em um curso de ensino superior.

Limitações do estudo

Como limitação deste estudo, considera-se a disponibilidade dos alunos, de semestres/anos mais avançados, para responder ao questionário, um impeditivo para um número maior de respondentes, uma vez que esses já se encontram atuantes nos campos de prática profissional, como também, a dificuldade dos investigadores em acessar os demais indivíduos por outros meios de comunicação. Ainda, a impossibilidade de generalização dos dados e o limite de dados sociodemográficos para caracterização dos alunos.

Contribuições para a área da Enfermagem, Saúde ou Política Pública

Este estudo fornece importantes contribuições. Destaca-se as relacionadas aos profissionais de docência da área da saúde, em específico Enfermagem e Medicina, uma vez que, os coloca em contato com a depressão de seus discentes. Ainda, esta pesquisa possibilita, que estes profissionais conheçam melhor a sintomatologia desse fenômeno e, nessas circunstâncias, possam contribuir para a construção de estratégias para maior atenção e enfrentamento da depressão entre os graduandos da área da saúde.

Espera-se que o estudo desse tema contribua para que Políticas Públicas de Saúde e Educação atentem para a saúde mental dos estudantes de Enfermagem e Medicina em formação, que, futuramente, serão os profissionais de saúde a atender à população.

5. CONCLUSÕES

O início de um novo ciclo acadêmico tende a ser muito desafiador para os indivíduos que buscam um aprimoramento profissional. Este estudo apresentou maior intensidade de quadros depressivos nos primeiros períodos de ambos os cursos de graduação de enfermagem e de medicina de uma Universidade Federal localizada no Sul do Brasil, embora os sintomas mais graves manifestem-se em diferentes etapas para cada curso. Ainda, mais da metade dos estudantes apresentaram algum grau significativo de depressão.

A presença de sintomas depressivos entre acadêmicos da área da saúde é preocupante, uma vez que, estes, serão os futuros profissionais a atender a população, sendo assim, torna-se necessário buscar estratégias para poder lidar com indivíduos que necessitam de assistência à saúde, dessa forma, precisam estar bem física e psicologicamente.

Portanto, faz-se necessário um olhar mais atento aos estudantes por parte das instituições de ensino, proporcionar e, por vezes, informar a existência de núcleos de assistência a eles, para que assim, estejam preparados para lidar com a saúde humana.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, T. C. T. F. (2014). Depressão e ansiedade entre estudantes da área de saúde. *Revista de Medicina*, 93(3), 101–105. <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v93i3p101-105>
- Amaral, G. F., Gomide, L. M. P., Batista, M. P., Píccolo, P. P., Teles, T. B. G., Oliveira, P. M., & Pereira, M. A. D. (2008). Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: um estudo de prevalência. *Revista de Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, 30(2), 124–130. <https://doi.org/10.1590/s0101-81082008000300008>
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5* (5th ed.). Porto Alegre: Artmed. Acessado em 03 de junho de 2020 em <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>
- Bassols, A. M., Okabayashi, L. S., Silva, A. B., Carneiro, B. B., Feijó, F., Guimarães, G. C., Cortes, G. N., Rohde, L. A., & Eizirik, C. L. (2014). First- and last-year medical students: is there a difference in the prevalence and intensity of anxiety and depressive symptoms? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 36(3), 233–240. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1183>
- Beck, A. T., Steer, R. A., & Carbin, M. G. (1988). Psychometric properties of the Beck Depression Inventory: Twenty-five years of evaluation. *Clinical Psychology Review*, 8(1), 77–100. [https://doi.org/10.1016/0272-7358\(88\)90050-5](https://doi.org/10.1016/0272-7358(88)90050-5)
- Brandtner, M., & Bardagi, M. (2009). Sintomatologia de Depressão e Ansiedade em Estudantes de uma Universidade Privada do Rio Grande do Sul. *Gerais: Rev. Interinst. Psicol.*, 2(2), 81–91. Acessado em 05 de junho de 2020 em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v2n2/v2n2a04.pdf>
- Bresolin, J. Z., Dalmolin, G. L., Vasconcellos, S. J. L., Barlem, E. L. D., Andolhe, R., & Magnago, T. S. B. S. (2020). Depressive symptoms among healthcare undergraduate students. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 28, e3239. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3210.3239>
- Center for Collegiate Mental Health. (2019). *2019 Annual Report*. Acessado em 04 de junho de 2020 em https://ccmh.memberclicks.net/assets/docs/2019-CCMH-Annual-Report_3.17.20.pdf
- Facioli, A. M., Barros, A. F., Melo, M. C., Ogliari, I. C. M., & Custódio, R. J. M. (2020). Depression among nursing students and its association with academic life. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(1), e20180173. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0173>
- Gonçalves, A. M. C., Teixeira, M. T. B., Gama, J. R. A., Lopes, C. S., Silva, G. A., Gamarra, C. J., Duque, K. C. D., & Machado, M. L. S. M. (2018). Prevalência de depressão e fatores associados em mulheres atendidas pela Estratégia de Saúde da Família. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 67(2), 101–109. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000192>
- Guedes, A. F., Rodrigues, V. R., Pereira, C. D. O., & Sousa, M. N. A. (2019). Prevalência e correlatos da depressão com características de saúde e demográficas de universitários de medicina. *Arquivos de Ciências Da Saúde*, 26(1), 47-50. <https://doi.org/10.17696/2318-3691.26.1.2019.1039>
- Leão, A. M., Gomes, I. P., Ferreira, M. J. M., & Cavalcanti, L. P. G. (2018). Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(4), 55–65. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n4rb20180092>
- Lelis, K. C. G., Brito, R. V. N. E., Pinho, S., & Pinho, L. (2020). Sintomas de depressão, ansiedade e uso de medicamentos em universitários. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 23, 9–14. <https://doi.org/10.19131/rpesm.0267>
- Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. (2018). *Folha informativa - Depressão*. Acessado em 02 de junho de 2020 em https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095
- Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. (2017). *Depressão afeta mais de 300 milhões de pessoas e é doença que mais incapacita pacientes, diz OMS*. Acessado em 02 de junho de 2020 em <https://nacoesunidas.org/depressao-afeta-mais-de-300-milhoes-de-pessoas-e-e-doenca-que-mais-incapacita-pacientes-diz-oms/>

- Purim, K. S. M., Guimarães, A. T. B., Titski, A. C. K. & Leite, N. (2016). Sleep deprivation and drowsiness of medical residents and medical students. *Revista Do Colégio Brasileiro de Cirurgias*, 43(6), 438–444. <https://doi.org/10.1590/0100-69912016006005>
- Querido, I. A., Naghettini, A. V., Orsini, M. R. C. A., Bartholomeu, D., & Montiel, J. M. (2016). Fatores Associados ao Estresse no Internato Médico. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 40(4), 565–573. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e00072015>
- Silva, L. S., Almeida, M. A. S. O., Rocha, E. M., Volpato, R. J., Oliveira, P. R., Nascimento, V. F., & Lemes, A. G. (2019). Depressão entre acadêmicos de enfermagem e os fatores sociodemográficos associados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 11(17), e1524. <https://doi.org/10.25248/reas.e1524.2019>
- Victoria, M. S., Bravo, A., Felix, A. K., Neves, B. G., Rodrigues, C. B., Ribeiro, C. C. P., et al. (2013). Níveis de Ansiedade e Depressão em Graduandos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *Encontro: Revista de Psicologia*, 16(25), 163–175. Acessado em 03 de junho de 2020 em https://www.researchgate.net/publication/327121216_Niveis_de_ansiedade_e_depressao_em_graduandos_da_Universidade_do_Estado_do_Rio_de_Janeiro_UERJ
- Vizzotto, M. M., Jesus, S. N., & Martins, A. C. (2017). Saudades de Casa: indicativos de depressão, ansiedade, qualidade de vida e adaptação de estudantes universitários. *Revista Psicologia e Saúde*, 9(1), 59–73. <https://doi.org/10.20435/pssa.v9i1.469>